

14 de fevereiro de 2017

- **Abin amplia atuação no exterior e abre escritório em 4 países***
- **ONU e Trump repreendem Coreia do Norte, mas não dão sinais de ação após teste de míssil***
- **Instabilidade é a maior desde a Segunda Guerra, afirma Conferência de Munique***
- **Conflict zones offer Turkish armored vehicles new opportunities***

Abin amplia atuação no exterior e abre escritório em 4 países*

A Agência Brasileira de Inteligência (Abin) quer ampliar sua área de atuação para garantir eficiência nos trabalhos de combate ao terror, ao crime organizado e às ameaças cibernéticas. Para isso, instalou entre o fim de 2016 e início deste ano escritórios de representação em quatro países – África do Sul, Estados Unidos, França e Paraguai.

As quatro novas representações se somaram às já existentes em Argentina, Colômbia e Venezuela. Além disso, a agência planeja para os próximos meses expandir também para os demais países do Brics, grupo que, além de Brasil e África do Sul, é composto por

China, Índia e Rússia. O Peru é o quarto país na lista do próximo grupo de nações que deverá receber um representante da Abin.

Também está no horizonte a criação de representações na Alemanha, México e Bolívia. Há estudos ainda para a ampliação de unidades para países do Oriente Médio. Todas as vagas no exterior serão ocupadas por oficiais de inteligência da Abin.

"Com a expansão, o governo tenta dar à Abin a capacidade de produzir inteligência de Estado no nível compatível com a estatura do Brasil", disse ao Estado o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Sérgio Etchegoyen, a quem a Abin está subordinada.

"O combate ao crime organizado, a prevenção ao terrorismo e de outras ameaças, que hoje são comuns aos estados democráticos, exigem estreita cooperação com outros países e é o que buscamos com a ampliação de nossa rede externa e interna", disse o ministro.

Além de buscar parcerias internacionais com grandes potências, o governo discute uma maior aproximação com todos os países da América do Sul que fazem fronteira com o Brasil para enfrentar o crime organizado.

Etchegoyen diz que, em sua opinião, é o contrabando de drogas o que garante mercado e alimenta as facções criminosas que têm agido no País. Por isso, a presença de adidos de inteligência nas embaixadas, com troca de informações nessa área, é considerada de fundamental importância pelo ministro.

A expansão internacional da Abin, no entanto, contrasta com o orçamento apertado da agência. Dados do Ministério da Transparência mostram que o total de recursos destinados à Abin vem caindo quase ininterruptamente nos últimos seis anos – em valores atualizados pela inflação. O valor atingiu seu recorde em 2011, no primeiro ano

de governo da ex-presidente Dilma Rousseff, quando chegou a R\$ 657 milhões. No ano passado, as despesas da agência somaram R\$ 538 milhões – uma queda de quase 20%.

Estados. No Brasil, a Abin também está ampliando a cooperação com as áreas de inteligência dos Estados. O primeiro núcleo de inteligência policial foi montado no Rio de Janeiro, experiência que foi baseada no compartilhamento de informações durante a Copa do Mundo.

A ideia é que sejam montados núcleos semelhantes em vários Estados como Minas Gerais e Amazonas. Esse entrosamento faz parte do novo Plano Nacional de Segurança.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 14 de fevereiro

Link: <http://www.defesanet.com.br/inteligencia/noticia/24800/Abin-amplia-atuacao-no-exterior-e-abre-escritorio-em-4-paises/>

ONU e Trump repreendem Coreia do Norte, mas não dão sinais de ação após teste de míssil*

NAÇÕES UNIDAS/SEUL (Reuters) - O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) criticou o lançamento de míssil realizado pela Coreia do Norte no final de semana, pedindo que os membros do colegiado "redobrem esforços" para aplicar sanções contra o país, mas não deu sinais de quais ações pode adotar.

O teste de um míssil balístico de alcance intermediário de Pyongyang no domingo foi o primeiro desafio direto à comunidade internacional desde que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tomou posse em 20 de janeiro.

Em uma coletiva de imprensa realizada na segunda-feira, Trump disse: "Obviamente a Coreia do Norte é um grande, grande problema, e iremos lidar com isso muito firmemente".

Trump não falou sobre nenhuma reação planejada, mas a embaixadora norte-americana na ONU, Nikki Haley, disse em um comunicado: "É hora de responsabilizar a Coreia do Norte – não com nossas palavras, mas com nossas ações".

Ela emitiu o comunicado depois de uma reunião de emergência do Conselho de Segurança na segunda-feira convocado por EUA, Japão e Coreia do Sul para debater o disparo do míssil norte-coreano.

No mesmo dia, os militares destes três países realizaram uma videoconferência na qual repudiaram o lançamento, que classificaram como uma "violação clara" de várias sanções do Conselho de Segurança. Os EUA "reafirmaram seus compromissos de segurança inabaláveis" com o Japão e a Coreia do Sul, disse o Pentágono.

Uma autoridade sul-coreana disse que Washington planeja utilizar "ativos estratégicos" em exercícios militares anuais iminentes com Seul por causa da ameaça crescente do Norte. As manobras geralmente têm início em março.

O funcionário não disse que ativos poderão ser empregados. No passado, eles incluíram bombardeiros B-2, caças antirradar F-22 e submarinos movidos a energia nuclear.

Em Pequim, o Ministério das Relações Exteriores da China disse esperar que, nas atuais circunstâncias, todos os países consigam exibir moderação e não fazer nada que agrave a situação.

A China é a principal aliada e parceira comercial da Coreia do Norte, mas está irritada com suas ações agressivas repetidas, embora tenha rejeitado as insinuações, feitas por norte-americanos e outros, de que poderia estar fazendo mais para conter seu vizinho.

A agência de inteligência sul-coreana estima que o míssil de combustível sólido lançado por Pyongyang no domingo tem um alcance de mais de 2 mil quilômetros, o que lhe permitiria atingir grandes porções de China, Taiwan, Japão e Rússia.

A Coreia do Norte já testou no passado mísseis com alcance superior a 3 mil quilômetros, mas disse estar prestes a testar um míssil balístico intercontinental, que pode eventualmente ameaçar a área continental dos Estados Unidos, que está a cerca de 9 mil quilômetros da Coreia do Norte.

Fonte: Reuters

Data da publicação: 14 de fevereiro

Link: <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN15T17Q?sp=true>

Instabilidade é a maior desde a Segunda Guerra, afirma Conferência de Munique*

Ordem liberal internacional está sendo atacada nos seus fundamentos, e mundo pode estar à beira de uma era pós-ocidental, afirma relatório lançado às vésperas do evento sobre segurança.

O organizador da Conferência de Segurança de Munique, Wolfgang Ischinger, afirmou nesta segunda-feira (13/02) que a situação mundial atual é a de maior instabilidade desde a Segunda Guerra Mundial.

No relatório Post-Truth, Post-West, Post-Order? (Pós-verdade, pós-Occidente, pós-ordem?), Ischinger acentuou as ameaças à ordem internacional, desde um vácuo de poder causado pela possível saída dos Estados Unidos da cena mundial até a elevação dos riscos de uma escalada militar.

"O ambiente de segurança internacional é indiscutivelmente mais volátil hoje do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial. Alguns dos pilares mais fundamentais do Occidente e da ordem liberal internacional estão se enfraquecendo", afirmou Ischinger, definindo o momento atual como iliberal.

Ele afirmou, ainda, que "podemos, então, estar à beira de uma era pós-occidental, na qual atores não occidentais estão moldando as relações internacionais, muitas vezes em paralelo ou mesmo em detrimento precisamente dessas instâncias multilaterais que formaram a base da ordem liberal internacional desde 1945". "Estamos entrando num mundo pós-ordem?", questiona Ischinger.

O relatório, lançado às vésperas da Conferência de Segurança de Munique, que ocorre no próximo fim de semana, destaca ainda que a ascendência da retórica populista mudou fundamentalmente o discurso da democracia liberal e os princípios que a acompanham.

Trump: reequilíbrio significativo da ordem global

Se o referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) foi o catalisador de uma revisão das relações internacionais, a eleição do republicano Donald Trump marcou seu avanço definitivo.

Em seu discurso de posse, Trump professou uma mudança histórica nas relações dos EUA com outros países, prometendo que suas políticas – tanto domésticas quanto internacionais – vão priorizar os interesses americanos. "A partir desse momento será os Estados Unidos em primeiro lugar", afirmou.

Como lembra o relatório, Trump não mencionou os conceitos democracia, liberdade e direitos humanos em seu discurso de posse, em nítido contraste com seus antecessores. "Isso não é um bom presságio para os valores liberais em todo o mundo", afirma o relatório.

Desde então, a administração de Trump tem promovido um reequilíbrio significativo da ordem global por meio de uma miríade de manobras políticas, incluindo ignorar tradições diplomáticas de longa data, fazer críticas fortes a aliados tradicionais dos EUA e proibir a entrada no país de cidadãos de sete nações de maioria muçulmana.

"Nada é verdade e tudo é possível"

Apesar de terem avançado na Europa Ocidental depois da anexação ilegal da Crimeia pela Rússia, as "notícias falsas" alcançaram seu pico durante a campanha eleitoral que deu a vitória à Trump, em novembro.

A desinformação e sua capacidade de influenciar as estruturas políticas e minar as narrativas dos meios de comunicação tradicionais provaram ser um fenômeno pós-verdade de um ambiente político criado por uma base interconectada de eleitores. Essa situação tem claras repercussões sobre a segurança. "A principal ameaça é que a confiança dos cidadãos na mídia e nos políticos pode continuar se deteriorando, criando um círculo vicioso que ameaça a democracia liberal", diz o relatório.

"É verdade que eles [os Estados] não podem proibir as 'notícias falsas' ou introduzir 'agências da verdade' sob o preço de se tornarem eles mesmos iliberais. Impedir que haja um mundo 'pós-verdade', no qual 'nada é verdadeiro e tudo é possível', é uma tarefa para a sociedade como um todo", acrescenta o documento.

Síria: sem fim à vista

Desde o início do conflito na Síria, em 2011, mais de 300 mil pessoas foram mortas e metade da população do país foi deslocada, de acordo com dados da ONU.

Apesar das numerosas tentativas de garantir um cessar-fogo e impedir o aumento das hostilidades, o governo sírio iniciou em 2016 uma campanha brutal, apoiada pela Rússia, para recuperar a cidade de Aleppo. Como resultado, milhares de pessoas morreram.

"Os principais atores ocidentais ficaram de braços cruzados quando Aleppo caiu, observando o que um porta-voz da ONU descreveu como um 'colapso total da humanidade'", afirma o relatório.

O que começou com protestos pedindo a saída do presidente Bashar al-Assad se transformou num longo conflito, envolvendo atores domésticos, grupos militantes, países vizinhos e potências mundiais, como Estados Unidos, Rússia, Irã e Arábia Saudita. "Como numerosos atores estão interferindo em crises na Síria e região, enquanto o Ocidente tenta de alguma forma superar o problema, a era pós-Occidental do Oriente Médio pode já ter começado", diz o relatório.

O futuro do terrorismo

No ano passado, problemas de segurança criados pelo conflito sírio se espalharam pela região e pelo mundo, principalmente com a proliferação de ataques terroristas inspirados no "Estado Islâmico" em nações ocidentais.

Do estado de emergência na França até operações policiais na Alemanha, a resposta a atentados como os de Berlim, Nice e Bruxelas foi desigual nos países da União Europeia, já que os Estados-membros desenvolveram formas próprias de melhorar as medidas de segurança.

De acordo com o relatório, é necessário que a União Europeia aja como um bloco diante dos desafios apresentados pela ameaça de radicalização e terrorismo. "Apenas com um reforço maior da cooperação e competências antiterroristas da União Europeia, os Estados europeus serão capazes de enfrentar o que provavelmente será um desafio jihadista de longo prazo", afirma o relatório.

Fonte: DW

Data da publicação: 13 de fevereiro

Link: <http://www.dw.com/pt-br/instabilidade-%C3%A9-a-maior-desde-a-segunda-guerra-afirma-confer%C3%Aancia-de-munich/a-37536175>

Conflict zones offer Turkish armored vehicles new opportunities*

ANKARA, Turkey — Increasing political tensions and terror threats in Turkey and the world's other conflict zones are offering unique opportunities to Turkey's rising armored vehicles manufacturers.

"Various [armored vehicle] models long proven in Turkey have made them competitive export products," according to a senior procurement planner who specializes in exports. "This is a positive vicious circle: Successful local-design vehicles find a chance to prove their capabilities in home use; then they sell to foreign customers; and finally they invest in new technologies to advance their products."

One such company is Nurol Machinery, whose main business is four-wheel drive tactical armored vehicles. Nurol's staff sharply rose from 110 in 2012 to 480 last year. Its sales jumped from a mere \$5 million in 2012 to nearly \$100 million in 2016, a 20-fold rise in a span of four years.

Nurol has sold more than 250 units of its signature vehicle, the Ejder Yalcin, a heavy armored combat vehicle with conventional and ballistic protection against mines and improvised explosive devices.

Total orders for the Ejder Yalcin have exceeded 500 units. The company has just penned its first export contract for the Ejder Yalcin and expects two more export contracts this year. The company hopes to sell more than 1,000 Ejder Yalcin in the next two years as political analysts anticipate deepening conflicts in and around Turkey.

The Ejder Yalcin is used both by the Turkish military and the police special forces, mostly in the country's southeast where Kurdish militants have been fighting a violent separatist war since 1984.

The brand-new Ilgaz is a light armored combat vehicle. The first two units rolled out have already been exported. Nurol plans to showcase the vehicle at the International Defence Industry Fair, or IDEF 2017, in Turkey in May.

Nurol's Ejder Toma is an anti-riot vehicle based on an indigenous military chassis. It features a four-wheel drive independent suspension system and, unlike other anti-riot vehicles, is suitable for off-road use. In addition to the police department, the Turkish Land Forces and the Gendarmerie have been using the Ejder Toma in their operations on both sides of Turkey's troubled border with Syria. Turkey has lost nearly 70 troops during Operation Euphrates Shield, its military incursion into northern Syria since August. The Ejder Toma has sold more than 300 units, including exports.

Nurol boasts that all of its products are indigenous designs. Nurol is part of Nurol Holding Inc., which also partners in FNSS, another armored vehicle producer and a partnership between Nurol and BAE Systems; Nurol Technology, a defense technologies concern; and the newly launched BNA, a joint venture between Nurol and BAE specializing in subsystems for aerospace programs.

"Unfortunately, there are no credible signs that the conflicts in this part of the world will subside in the next three years," said Engin Aykol, general manager of Nurol Machinery. "Take the military operation in Syria, for instance. It won't quickly come to an end. And even when it does, the Turkish military will probably have to stay [in Syria] as a deterrent force."

More than 10,000 Turkish security personnel, civilians and Kurdish rebels, mostly militants from the Kurdistan Workers' Party, have lost their lives since clashes resumed in July 2015 after a three-year cease-fire, forcing Ankara to spend more on various types of armored vehicles. The Turkish military also is fighting the Islamic State group in Syria and Iraq.

Such asymmetrical war theaters boost demand for armored vehicles. In 2017 alone, the Turkish Interior Ministry will buy 440 tactical armored vehicles in addition to 50 anti-riot vehicles. The Gendarmerie in 2017 will buy 200 armored vehicles and 100 mine-resistant, ambush-protected armored vehicles.

Procurement officials say there is big demand, both from the military and the police, for “almost all types of armored vehicles.” One official said: “We also expect a sizable demand for Turkish solutions from foreign markets, especially the Gulf and North African regions.”

He said that Turkish producers in such markets would be competing with Western, including Israeli, and South Korean companies. “Ironically, cooperation between rivals is also a possibility. Some foreign companies may wish to partner with Turkey’s cost-efficient, reliable engineering products.”

According to Aykol, Turkish industry has two kinds of rivals in foreign markets: those that produce low-priced, low-quality products; and those that produce high-quality but expensive products. “We compete mostly with the second group, including U.S. and Israeli producers,” Aykol said.

Aykol does not expect newcomers into the armor sector for two reasons. First, more players could further toughen competition and may harm quality. “The government is content with the present number of players,” he said. Turkey’s armor sector is largely dominated by about half a dozen producers.

“In addition to competition, the future may also see cooperation between local players,” Aykol predicted. “Cooperation may be necessary to meet the large demand.”

Fonte: Defense News

Data da publicação: 13 de fevereiro

Link: <http://www.defensenews.com/articles/conflict-zones-offer-turkish-armor-new-opportunities>

* Não mencionado o autor no texto.